

SALA TEMÁTICA DE GEOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE NAZARÉ DA MATA - PE

Jéssica Rosete Ferreira¹

Jéssica Emanuely Ramos da Silva²

Franciana Aprígio da Silva³

Luciana Rachel Coutinho Parente⁴

Resumo

Este relato é resultado da imersão do Programa de Residência Pedagógica – PRP de Geografia da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte, e tem como objetivo descrever o processo de transformação de uma sala inutilizada, em uma Sala geográfica, com intuito de adotar novas estratégias de ensino-aprendizagem em escolas públicas auxiliando os alunos do Ensino Fundamental e Médio a partir da realidade de uma unidade escolar na cidade de Nazaré da Mata – PE. Neste viés, as salas ambientes apresentam-se como possibilidades de aproximar as ações pedagógicas com as situações do dia a dia.

Palavras Chave: Ensino-aprendizagem; Geografia; Sala Ambiente.

INTRODUÇÃO

O professor planeja suas aulas procurando sempre estar bem preparado e articulado para ministrar os assuntos que pretende desenvolver em sala de aula, e procura sempre aplicar as metodologias que supõe serem as mais adequadas para determinada turma, aplicando as avaliações que lhe parecem mais pertinentes, porém o aluno fica encarregado de gerenciar sua própria aprendizagem. Uma alternativa metodológica que pode ser utilizada para trazer modificações na forma de ensino-aprendizagem é o uso da aprendizagem colaborativa.

De acordo com Torres, Alcantara e Irala (2004),

Aprendizagem Colaborativa é uma estratégia de ensino que encoraja a participação do estudante no processo de aprendizagem e que faz da aprendizagem um processo ativo e efetivo. É um conjunto de abordagens educacionais também chamadas de aprendizagem cooperativa ou aprendizagem em grupo pequeno. (TORRES; ALCANTARA; IRALA, 2004, p. 131)

Nesta perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem deve ser estruturado com base no uso de metodologias diferenciadas, específica e direcionada para o

¹ Graduanda em licenciatura em Geografia e bolsita do Programa de Residência Pedagógica da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte / jessicarosete48@gmail.com

² Graduanda em licenciatura em Geografia e bolsita do Programa de Residência Pedagógica da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte / jessica-emanuely@hotmail.com

³ Professora preceptora do Programa de Residência Pedagógica de Geografia da Universidade de Pernambuco - *Campus* Mata Norte / franciana-aprigio@hotmail.com

⁴ Professora Dr^a do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte e Docente orientadora do Programa de Residência Pedagógica de Geografia / luciana.coutinho@upe.br

educando, com propostas de trabalho adequadas às variadas especificidades e de acordo com as possibilidades e necessidades dos educandos.

Com isso, o presente ensaio baseia-se na quarta competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o qual é um documento normativo da educação Brasileira, que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). A quarta competência da BNCC trata-se de utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Em suma, temos como objetivo descrever o processo de transformação de uma sala ambiente inutilizada, em uma Sala Geográfica, com intuito de adotar novas estratégias de ensino-aprendizagem na apropriação contínua do conhecimento.

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA E A COLABORAÇÃO DE SALAS TEMÁTICAS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Num ambiente, seja ele qual for, existe uma infinidade de estímulos, gerando para as pessoas que nele estiverem inseridas possibilidades de relações com os objetos ali presentes. Sendo assim, as salas temáticas também se apresentam como possibilidade de facilitação do aprendizado, pois, possibilitará uma maior interação do estudante com o conteúdo estudado e a sua prática.

Desta forma, Menezes e Santos (2002), trazem a sala ambiente como:

[...] na qual dispõem-se recursos didático-pedagógicos que atendam um fim educacional específico. A ideia é fazer o aluno interagir com uma maior diversidade de recursos e materiais pedagógicos e ter mais condições de estabelecer uma relação entre o conhecimento escolar, a sua vida e o mundo. Além disso, o conceito de sala ambiente considera que o quadro negro não é único recurso válido no processo de ensino-aprendizagem na forma presencial. (MENEZES; SANTOS, 2002)

Nesta perspectiva, os espaços temáticos podem oferecer aos professores possibilidades para a concepção de aulas que ajudem a trazer uma maior participação dos alunos, ao contrário das aulas tradicionais que pouco mobilizam a prática e não instigam a curiosidade e interesse dos alunos com os conteúdos abordados em sala de aula.

Segundo Penin (1997),

A vivência cotidiana num ambiente rico em materiais convidativos ao conhecimento, além de propiciar ao aluno a aprendizagem planejada pelo professor, ainda possibilita à sua auto estimulação pela exposição aos objetos presentes, levando-o a visitar e/ou pesquisar por conta própria assunto os quais passou a gostar (PENIN, 1997, p.20)

*I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019
Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.*

Por conseguinte, o projeto é uma ideia positiva que visa organização, interesse e motivação dos alunos para a construção de materiais que auxiliem na aprendizagem. Além disso, a criação de uma sala temática também colabora com um espaço mais prazeroso, acolhedor e estimulador, além de fazer com que o processo ensino-aprendizagem tenha base em metodologias diferenciadas, específicas e direcionadas para o aprendizado dos estudantes, com propostas de trabalho adequadas às variadas peculiaridades existentes em sala e de acordo com as possibilidades e necessidades de cada turma.

Neste viés, se faz muito necessário, principalmente em escolas localizadas em áreas periféricas e carentes de estrutura, a busca de novos meios de trazer os conteúdos de acordo com a realidade que os estudantes vivem, e também para tentar trazer um maior interesse pela disciplina.

De acordo com Silva e Muniz (2012),

[...] ainda hoje se é notável, no ensino de Geografia, uma postura tradicional em que os conteúdos continuam sendo tratados de maneira fragmentada, o que tem gerado uma hierarquização do conhecimento centrada na figura do professor, como agente detentor da verdade. Tal fato se reflete na permanência da crise na Geografia escolar, pois é evidente o desinteresse dos alunos por esta ciência, o que tem gerado preocupações. (SILVA; MUNIZ, 2012, p. 63)

Assim sendo, salas ambiente são entendidas como formas de estruturação física das escolas, da qual os alunos se movimentam para estudos entre uma disciplina escolar e outra. De acordo com Almeida (2017, p. 124), as salas ambientes favorecem o desenvolvimento da sociabilidade entre alunos, facilitam a construção de relações mais solidárias entre estudantes, possibilitam aos alunos transportar de casa a escola um número menor de material escolar e podem contribuir para a diminuição da evasão escolar.

Alguns materiais como, atlas, cartas, mapas em geral, cartões, curiosidades sobre a cidade, livros, jornais, pluviômetros e diversos outros materiais relacionados ao tema da Geografia podem contribuir para a criação desta sala e conseqüentemente para o uso nas aulas. Mas, o grande diferencial da sala ambiente em Geografia não é somente a confecção desses materiais para fins expositivos, mas sim a disponibilização de materiais para dar a possibilidade para que professores e alunos possam criar os seus próprios recursos didáticos, instigando e explorando a criatividade do aluno para que haja uma maior e melhor compreensão dos conteúdos geográficos ao confeccionarem os objetos que venham a representar tais processos.

Materiais de baixo custo e acessíveis, como por exemplo, garrafas *pet*, lápis de cor, papelão, barbantes, tesoura e outros materiais, unidos ao interesse do aluno e do professor podem ser utilizados para criar jogos educativos e novos materiais que ajudarão a estimular a aprendizagem e criar a novos meios de ensino em todos os níveis de escolaridade.

Como colocaram os autores citados, a realização de uma sala geográfica não apenas fundamenta-se em obter um espaço, criar atividades e deixar teoricamente na escola sem sentido, mas sim, expor os conteúdos através da ludicidade e pôr em prática o que foi visto em sala de aula. Assim, o ensino se concretiza saindo da rotina e partindo para uma nova metodologia abordando as temáticas designadas pela BNCC. Com isso, entende-se as salas ambientes como uma estratégia de buscar sair

*I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019
Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.*

do tradicionalismo em sala de aula e trazer uma maior contribuição para a aprendizagem dos educandos.

A partir das observações e discussões em sala de aula, percebeu-se que o entendimento e o conhecimento da Geografia podem ser facilitados pelo adequado uso de metodologias diferenciadas, e com a participação dos estudantes tornará esse momento mais prático e educativo a construção de jogos didáticos, murais, maquetes e outros recursos, sempre que estas práticas estejam relacionadas a atividades adequadas para trabalhar os conteúdos da Geografia.

A importância da sala ambiente é abordada por Santos (2018),

A sala ambiente é um convite à percepção da importância de um espaço acolhedor de participações, onde os recursos que serão utilizados na construção do conhecimento, não devem ser apenas os que estão alocados dentro da sala, mas também os materiais que os alunos irão buscar e encontrar em outras dependências da escola e fora dela. (SANTOS, 2018, p. 20)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

É perceptível nas escolas uma carência em relação a materiais didáticos que instiguem os alunos. Por exemplo, durante as explicações sobre determinado assunto sobre geopolítica é mencionado um fato ocorrido num país da Europa e, imediatamente, os alunos visualizem onde está localizado, isto tornaria a aula mais dinâmica, favorecendo o aprendizado e favorecendo uma maior interação do estudante com a Geografia enquanto ciência espacial.

O presente trabalho visa instigar a curiosidade e as ideias que os alunos já têm sobre determinados temas e, com base nisso, conduzir atividades que será possível localizar no mapa, comparar e analisar criticamente os fenômenos discutidos. Visa-se com todos esses fatores, a transformação de uma sala já existente, mas inutilizada, em sala ambiente/temática para benefício de interpretação e objeto facilitador das disciplinas Geografia-Cartografia, e o uso exploratório por parte dos alunos, de forma que possa contribuir na aquisição do conhecimento visual e cognitivo.

O trabalho cumpriu-se em quatro etapas, onde na primeira buscou-se inicialmente a realização de leituras de artigos que abordassem sobre métodos práticos e concretos para o ensino-aprendizagem de Geografia a partir das salas ambientes para assim satisfazer os objetivos propostos pelas residentes.

De início as residentes optaram por fazer uma atividade diagnóstica, onde a partir disso e do diálogo com os estudantes deu-se a ideia do presente projeto, pois pode-se perceber que os estudantes sentiam a falta de metodologias diferenciadas em sala de aula, com conteúdo e práticas mais dinâmicas para assim obter uma maior participação, saindo apenas da sala de aula e do livro didático.

Como segunda parte do projeto deu-se início a busca por materiais para realização da atividade. Grande parte dos materiais que foram utilizados já são existentes do acervo da própria escola como os globos, atlas, cartas topográficas, plantas, mapas, livros, revistas, jornais e outros. Além desses objetos também foram necessários outros materiais para a confecção de maquetes, vulcões, mapas e jogos, como é o caso de lápis de cor, papéis, garrafas *pets*, cola tesoura e outros. Os jogos educativos, murais, maquetes e outros instrumentos simples podem ser confeccionados no decorrer das aulas. Também deve fazer parte desse ambiente,

*I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019
Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.*

mostruários de rochas e minerais, solos e outros meios que facilitem as aulas de Geografia.

Na terceira etapa, a de execução, deu-se início a parte prática, ou seja, a construção de materiais didáticos juntamente com os estudantes a partir das regências realizadas em sala de aula, atividades essas que serão resultados adquiridos durante as etapas estabelecidas pelas residentes. Por fim, a quarta etapa aqui relatada onde temos os resultados das intervenções realizadas e a finalização da sala ambiente como produto das atividades do Programa de Residência Pedagógica, onde, abordamos os materiais confeccionados pelos próprios alunos, com base nas explicações realizadas através das regências, dos aulões e atividades aplicadas durante este processo de imersão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta consistiu em verificar se a sala ambiente é uma ferramenta favorável ou não ao processo de ensino-aprendizagem. Justifica-se desta forma, o uso de alternativas pedagógicas diferenciadas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, unindo a teoria e a prática através do uso de mapas atuais expostos nas paredes, globos terrestres, atlas, maquetes e muitos livros sobre Geografia.

Não é apenas a partir da dificuldade da oferta de campos que a sala ambiente se mostra importante e eficiente. Existe uma série de problemas estruturais dentro de uma escola, onde a sala ambiente pode ajudar a solucionar. A começar pelo tempo do qual o professor acaba desperdiçando até iniciar sua aula, porque é necessário organizar a turma e trazer até a sala, o material que irá ser utilizado (PENIN, 1997).

A temática surgiu da necessidade de buscar subsídios para a elaboração de um projeto que visasse aprofundar e facilitar o ensino da Geografia nas turmas do Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Ensino Médio da Escola Estadual onde o projeto foi realizado, descrevendo com embasamento na BNCC que aborda entender a instituição de ensino como um empreendimento e não como um confinamento.

É preciso acentuar, que a escola alvo do projeto possui salas de aulas inutilizadas, como mostra na figura 1, pois, não possui quantidades suficientes para formação de turmas, e vê-se a partir disso a oportunidade de criação deste espaço para benefício dos estudantes.

Figura 1: Sala de aula inutilizada na escola



Fonte: Autoras, 2019

Cabe frisar, que após proposta desta sala ambiente, as atividades para a execução do projeto foram feitas de acordo com o calendário letivo da instituição citada. Portanto, faz-se menção em demonstrar aqui as etapas necessárias para a realização do projeto.

Como dito anteriormente, após a atividade diagnóstica percebeu-se algumas dificuldades dos alunos, então foi programado um aulão de revisão, como mostra a figura 2, sobre conteúdos abarcados na proposta em que as residentes haviam programado, para enaltecer os assuntos já aprendidos no primeiro semestre e a partir disso dar início a elaboração de materiais para a sala temática que auxiliassem a aprendizagem. A princípio resgatamos questões sobre o relevo e suas formas, o clima, os tipos de vegetação e hidrografia brasileira, baseados a entender os fatores que o definem e suas características.

Figura 2: Aplicação do aulão de revisão



Fonte: Autoras, 2019

A partir disso foi possível construir um planejamento que se adequasse a realidade da escola, reunir materiais, tanto disponibilizados pela coordenação e direção da escola, como também pelas residentes, iniciando como forma prática, o manuseio de maquetes, que aborda uma miniatura do projeto de forma que possa representar um ambiente ou cenas do cotidiano, e produções táteis, que possam ser detectadas pelo toque, como por exemplo vulcões e exposição de um local, demonstrado pelas figuras 3 e 4.

Figura 3: Elaboração de maquete sobre vegetação



Fonte: Autoras, 2019

Figura 4: Elaboração do vulcão com a turma do 6º ano



Fonte: Autoras, 2019

Merece ressaltar também, que após a explicação em sala de aula sobre o relevo brasileiro deu-se a construção por parte dos alunos, de um mapa hipsométrico para contribuir para a fixação do conteúdo estudado, mapa esse que representa a elevação de um terreno através de cores exemplificado pelas figuras 5 e 6, assim como também a utilização de globo terrestre, e a visualização de mapas temáticos correlacionados ao conteúdo explicado, guardados na biblioteca.

Figura 5: Elaboração de mapa do relevo



Fonte: Autoras, 2019

Figura 6: Mapa hipsométrico do relevo Brasileiro



Fonte: Autoras, 2019

É oportuno frisar, também a atividade realizada com a turma do 6º ano B sobre os “horizontes do solo”, onde foi possível abordar o processo de origem, formação e transformação dos solos. Além disso, foi pertinente confeccionar com fundamento nas explicações dadas pelas residentes, o perfil do solo, ou seja, as camadas chamadas de horizontes que classificam a estruturação do solo, como fica evidenciado pelas figuras 7 e 8, corroborando com o processo de ação intermediária pelos alunos. Com esta atividade, além da parte mais lúdica de utilizar as cores como forma de representação do solo os alunos puderam distinguir os seus horizontes e as características pertencentes a cada um deles.

Figura 7: Início da atividade



Fonte: Autoras, 2019

Figura 8: Finalização da atividade



Fonte: Autoras, 2019

O último momento é uma etapa a se realizar fundamentando-se em reproduzir outras atividades que auxiliem e acrescentem positivamente na estrutura da sala ambiente, nos momentos finais da presença do Programa de Residência na presente escola campo. A mesma, deverá ser modificada de acordo com o planejamento estruturado, com sua pintura e visualização a ser aprimorada, concomitante aos trabalhos produzidos pelos alunos, assim como materiais já existentes na escola e que vislumbrem complementar a curiosidade, a intuição e vontade de fazer parte de um novo ciclo. Ou seja, todo material necessário para aguçar a participação e a realidade da comunidade escolar.

Vale ressaltar que a escola possui um acervo grande de materiais que podem ser utilizados em sala de aula como meio de facilitação mas acabam ficando inutilizados na biblioteca, alguns desses materiais são mapas de diferentes tipos, como demonstra na figura 9, que ficam na biblioteca da escola e de certa forma inacessível aos estudantes. Com isso, uma das propostas das autoras com a criação deste espaço é deixar estes materiais mais acessíveis e expostos, como demonstra a figura 10.

Figura 9: Materiais inutilizados na biblioteca



Fonte: Autoras, 2019

Figura 10: Exposição de mapas



Fonte: Autoras, 2019

A figura 11 a seguir mostra a exposição de alguns materiais construídos até o presente momento, materiais esses que foram confeccionados a partir dos assuntos abordados durante as regências aplicadas pelas residentes.

Figura 11: Exposição dos materiais já construídos



Fonte: Autoras, 2019

Vale ressaltar que a intenção é que este ambiente não torne-se algo pronto e acabado, mas que instigue os professores da presente escola para a abordagem de novas práticas, e que possam sempre buscar maneiras de construir aulas mais dinâmica com seus alunos e que estes materiais construídos possam ser utilizados para o uso da escola em geral, podendo até tornar-se uma sala multidisciplinar, unindo a Geografia com outras disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar identificar como é realizado o trabalho do professor em sala de aula foi essencial para o desenvolvimento tanto desta pesquisa quanto para a execução do projeto da construção desta sala ambiente, por isso, deve-se salientar a importância das observações em sala de aula na primeira etapa do Programa de Residência Pedagógica, para que fosse possível entender as necessidades dos estudantes para que este ambiente não se converter somente num local bonito de propriedade apenas do professor e sem participação dos estudantes para a sua construção.

Concordando com as ideias de Santos (2018),

A sala ambiente não é - apenas em si mesma - a salvação da educação. Ela não irá substituir as saídas de campo e outras práticas, e muito menos não é a oferta de um espaço físico novo que irá substituir a necessidade essencial de conceber as aulas de outro modo. A própria sala pode possuir seus déficits de estrutura, como, por exemplo, a exiguidade de seu espaço. Para além do físico, a falta de criatividade e de organização e principalmente de interesse por parte de alguns professores serão fatores fundamentais para impedir a realização de suas potencialidades. A sala ambiente, no entanto, pode ser uma alavanca inicial para a construção do desejo de melhora por parte da escola e o start para a busca de novos modelos e formas de ensinar a fim de remodelar a educação e as salas de aula tradicionais. (SANTOS, 2018, p. 39)

Cabe salientar que o projeto está em fase final de execução, se adaptando ao cronograma da escola e ainda adquirindo resultados das atividades, incluindo a produção final da sala ambiente. E para que isso aconteça, serão necessárias algumas mudanças que devem ser discutidas e ter a participação de toda a comunidade escolar, para propiciar um maior êxito na execução e continuidade do projeto.

Fundamentado nesses dados, o projeto objetivou-se em transformar uma sala ambiente inutilizada, em uma Sala Geográfica, propiciando criar um ambiente de convivência que favoreça as aprendizagens a se converter numa necessidade da prática e, ao mesmo tempo, num objetivo de ensino. Correlacionado a isso, as características dos conteúdos a serem trabalhados determinaram as necessidades espaciais das turmas.

Conclui-se daí, que este projeto é uma iniciativa permanente, em que visa facilitar a forma de ensino-aprendizagem dos alunos. Quanto mais materiais puderem ser utilizados para validar a proposta, mais ainda se deve usar e certificar da necessidade em adquirir conhecimentos práticos e teóricos para a implantação dessa sala ambiente, com o propósito em obter sucesso. A base é conscientização da importância deste ambiente para a unidade escolar, da qual pode-se obter através do

*I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019
Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.*

conhecimento e planejamento adequado das ações, e a interação com o professor-supervisor e aluno residente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nedir Fernandes de. **SALAS AMBIENTE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM**. 2017. 169 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-05042017-092127/publico/2017_NedirFernandesAlmeida_VCorr.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In: **Sala de Aula que espaço é esse?**. 5. ed. Campinas: [s. n.], 1994. p. 105-122. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2024171/mod_resource/content/1/BRAND%C3%83O.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete sala ambiente. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/sala-ambiente/>>. Acesso em: 06 de out. 2019.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Sala ambiente: invocando, convocando, provocando a aprendizagem. **Revista Ciência Ensino**. Campinas, v. 3, p. 20-21, 1997.

SANTOS, Leonardo Ferreira dos. **Sala Ambiente**: Refletindo sobre possibilidades para o ensino de Geografia. 2018. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189173/001088458.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA, Vlândia da; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A GEOGRAFIA ESCOLAR E OS RECURSOS DIDÁTICOS: O USO DAS MAQUETES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA. GEOSABERES**, Fortaleza, v. 3, p. 62-68, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5528/552856435008.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. GRUPOS DE CONSENSO: UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, ed. 13, p. 129-145, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/7052/6932>>. Acesso em: 22 out. 2019.

*I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019
Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.*